

Olhares: dicionário escolar ou dicionário de uso escolar?¹

Cláudia Maris Tullio

Márcia Zamariano

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: O dicionário escolar deve ser caracterizado por seu caráter pedagógico, no sentido de ser um auxílio ao ensino e a aprendizagem de uma língua materna e/ou uma língua estrangeira, já que esse é, em tese, um dos fatores que o diferencia dos demais dicionários. No entanto, há algumas controvérsias na literatura a respeito da denominação dos dicionários utilizados no meio escolar. Alguns autores afirmam os mesmos serem dicionários escolares; outros, de uso escolar. Além disso, há uma discussão quanto aos minidicionários serem considerados “naturalmente” como escolares. Dessa forma pretende-se, a partir da análise da macro e da microestrutura de quatro (04) dicionários utilizados em âmbito escolar e de uma breve revisão da literatura acerca do assunto, contribuir para os estudos lexicográficos e interdisciplinares.

Palavras-chave: Lexicografia; dicionário; dicionário escolar.

Abstract: The school dictionary should be characterized by its pedagogical character, in the sense of being an aid to the teaching and learning of a mother tongue and/or a foreign language, since this is, in theory, one factor that differentiates it from other dictionaries. However, there are some controversies in the literature regarding the denomination of the dictionaries used in school environment. Some authors claim that these are school dictionaries, others that they are for school use. Furthermore, there is a discussion about the mini-dictionaries being “naturally” like school dictionaries. Thus it is intended, from the analysis of the macro and microstructure of four (04) dictionaries used in the school and a brief review of the literature on the subject, contribute to the lexicographical studies and interdisciplinary.

Keywords: Lexicography; dictionary; school dictionary.

1. Recebido em 01/07/2011. Aprovado em 05/09/2011.

Résumé: L'école Dictionnaire devrait être caractérisée par son caractère pédagogique, d'être une aide à l'enseignement et l'apprentissage d'une langue maternelle et / ou une langue étrangère, comme cela est, en théorie, l'un des facteurs qui les différencient des autres dictionnaires. Cependant, il ya une certaine controverse dans la littérature concernant la dénomination des dictionnaires utilisés au collège. Certains auteurs affirment les mêmes dictionnaires à l'école, d'autres pour un usage scolaire. En outre, il ya une discussion sur le mini-dictionnaires sont considérés naturellement comme les étudiants. Ainsi, il est destiné, à partir de l'analyse de macro et microstructure de quatre (04) dictionnaire? Utilisé dans les rivières? Champ scolaire et une brève revue de la littérature sur le sujet, contribuer aux études lexicographiques et interdisciplinaire.

Mots clés: La lexicographie; le dictionnaire; l'école de dictionnaire.

Introdução

“Para usar o dicionário temos que ser ‘sabidos’! Na verdade, precisamos ter uma série de conhecimentos para poder ter acesso às informações ali organizadas. Só à medida que vamos nos tornando mais letrados podemos usufruir adequadamente do que um dicionário tem a nos oferecer.”

MORAIS, Artur Gomes de. 1998. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo, Ática.

O dicionário como gênero didático surgiu durante o Renascimento na Europa, impulsionado pela corrente humanista, a qual em sua vertente pedagógica buscava novos métodos de ensino do latim em substituição as obsoletas ferramentas da tradição medieval. Os dicionários podem ser considerados como um repertório léxico organizado sistematicamente, na maioria das vezes, em ordem alfabética. De acordo com Biderman (2001:132)²

2. Um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial, o que o faz diferente de outras obras culturais. É preciso considerar igualmente que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual

No entanto, há algumas controvérsias na literatura a respeito da denominação dos dicionários utilizados no meio escolar. Alguns autores afirmam os mesmos serem dicionários escolares; outros, de uso escolar. Além, há uma discussão quanto aos minidicionários serem considerados “naturalmente” como escolares.

Dessa forma pretendemos, a partir da análise da macro e da microestrutura de quatro (04) dicionários utilizados em âmbito escolar e de uma breve revisão da literatura acerca do assunto, contribuir para os estudos lexicográficos e interdisciplinares.

Um passeio pela literatura lexicográfica

A língua nunca pode ser estudada ou ensinada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de um lado porque sua “apreensão” demanda apreender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza), de outro lado porque o produto histórico — resultante do trabalho discursivo do passado — é hoje condição de produção do presente que, também se fazendo história, participa da construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção.

GERALDI

Conforme Krieger (In: Isquierdo; Alves 2007: 295), o dicionário legitima o léxico adquirindo estatuto de “paradigma linguístico modelar dos usos e sentidos das palavras e expressões de um idioma”, ou seja, passa a ser “o código normativo de um sistema linguístico”.

A autora (In: Isquierdo; Alves 2007: 296) ressalta ainda o fato de o dicionário ser “também um componente de expressão cultural e ideológica, tecido sob a aparência de catálogo de palavras”.

Em nível de orientações curriculares nacionais para o ensino de língua materna, o dicionário e a gramática constituem os dois instrumentos

é elaborado, documentando a práxis linguística dessa sociedade.

metalinguísticos à disposição de docentes e discentes constituindo um amplo manancial para o estudo da linguagem, da cultura, da sociedade.

Cabe ressaltar o fato de o dicionário registrar, na contemporaneidade, a língua concreta, ou seja, a efetivamente utilizada pelos seus falantes. Este fato vai ao encontro da perspectiva sociointeracionista da linguagem, a qual entende a realização da linguagem na inter-ação entre os seus usuários, possibilitando múltiplos contatos e trocas linguísticas e consequente valorização das variações sociolinguísticas.

Portanto, o uso do dicionário como instrumento didático amplia o conhecimento e auxilia a desenvolver muitas competências necessárias ao aprendizado. Porém, nem sempre costuma ser explorado devidamente na escola, isto é, fora algumas consultas eventuais e sem muita criticidade quanto às definições, exemplos apresentados, muito raramente analisa-se a origem das palavras, explica-se a utilização do referido instrumento ou ainda discute-se os aspectos discursivos, ideológicos e históricos presentes no mesmo.

Outro ponto a salientar é quanto à classificação dos dicionários a serem utilizados em sala de aula. Alguns autores seguem o critério de número de entradas, outros denominam os minidicionários como escolares por seu formato reduzido, etc. Assim, faremos alguns recortes teóricos a fim de, a partir da análise de 4 dicionários utilizados em âmbito escolar, verificar quais critérios são utilizados para definir a macro e a microestruturas dos mesmos.

Primeira parada: tipos de dicionários

De acordo com Guerra (2003: 59-77), os dicionários podem ser categorizados da seguinte forma:

i.) Os denominados “dicionários linguísticos” (de língua) são produtos notadamente linguísticos, ou seja, tem sua origem em uma determinada língua. Além, não se permitem ilustrações apenas para ornamento.

ii.) Os “não linguísticos” (de coisas ou enciclopédias) utilizam uma determinada língua como veículo necessário de transmissão de seus conteúdos. Há que salientar o fato de suas possibilidades de expansão serem superiores

as do dicionário. As ilustrações e fotografias, ao contrário do dicionário tido como linguístico têm lugar privilegiado, mas possuem microestrutura pobre segundo o referido autor. Por serem ricamente ilustrados e, muitas vezes, serem constituídos por vários volumes os preços elevados acabam por confiná-los nas estantes das bibliotecas.

iii.) “Monolíngues” (apenas uma língua, normalmente a materna) ou os plurilíngues que podem ser “bilíngues” (duas línguas, muito utilizado em sala de aula de língua estrangeira ou para tradução) e “multilíngues” (normalmente, mais especializados, apresentam mais de duas línguas).

iv.) Os chamados “sincrônicos” são aqueles os quais espelham o momento em que foram produzidos, enquanto os “diacrônicos”, também denominados de tesouros, históricos apresentam toda a evolução semântica, documental, com caráter etimológico e cronológico.

v.) Os “gerais” são exaustivos, integrais, verdadeiros *thesaurus* e os “representativos” são diferenciais por apresentarem dialetismos.

vi.) Aqueles “restringidos” são assim chamados por serem seletivos, particulares, especiais e restritivos. Enquanto, os chamados de “arcaísmos”, como o próprio nome já indica, apresentam palavras de pouco uso e neologismos.

vii.) Os “terminológicos” dizem respeito a determinadas áreas do conhecimento, por exemplo, temos o de terminologia do direito ambiental, de medicina forense etc. Atualmente, muitos são também bilíngues ou multilíngues.

Quanto à microestrutura, de acordo com o autor acima citado, podem ser integrais, definitórios e não-definitórios. Além, há os “normativos” (apresentam apenas a norma padrão, reguladora) e os de “uso” (realidade concreta, língua viva, variações linguísticas).

Os denominados “sintagmáticos”, de acordo com a terminologia saussureana, seguem o padrão linear dos significantes, enquanto os “paradigmáticos” apresentam verdadeiros bancos de reservas.

Quanto à ordenação das entradas, podem ser “semasiológicos” (alfabetos diretos) ou “onomasiológicos”.

O autor ainda classifica os de “natureza pedagógica”, para fins didáticos, como escolares, de aprendizagem e infantis.

Quanto à extensão e formato podem ser breves ou concisos, manuais e de bolso (estes, os famosos minidicionários muitas vezes adotados apenas por este critério como dicionários escolares). E por fim, de acordo com o suporte temos na atualidade dicionários em formato eletrônico, como o Houaiss, o Aurélio, o Aulette Digital dentre outros.

Segunda parada: a macroestrutura do dicionário

Conforme Miranda (In: Isquendo, Alves 2003: 261-294) há algumas dificuldades quanto aos critérios para definir a macroestrutura do dicionário, e, diante desta circunstância, propõe alguns parâmetros para a definição da macroestrutura do dicionário de língua. Quais sejam: perfil do público-alvo; tipo de dicionário e número de entradas; critério estatístico e critério (sin) ou (dia)sistêmico.

Segundo o autor, primeiramente, deve ser monofuncional, ou seja, observar o perfil do usuário considerado como seu potencial público-alvo. No caso do dicionário de uso escolar, perceber qual a faixa etária do educando a que se destina, sua condição social, etc.

Além, deve-se ponderar o tipo de dicionário e número de entradas: *Semasiológico* (perspectiva que parte do significante procurando dar conta de um significado); *Onomasiológico* (perspectiva que vai do significado tentando dar conta do significante que o realize).

Quanto ao Critério Estatístico, deve-se estabelecer uma escala de frequência de unidades léxicas e calcular um número mínimo de ocorrências. Assim, uma frequência menor ao número mínimo de ocorrências implicará no não aparecimento da unidade léxica na nominata do dicionário.

O Critério(s) sin- ou (dia)sistêmico(s) faz uso da sincronia como variável, além de outros parâmetros complementares.

Posteriormente, o citado autor apresenta várias contribuições teóricas para a tipologia dos dicionários.

Neste trabalho, optamos por seguir o proposto por Biderman, apresentado a seguir:

Quadro 1 – Guerra (In: Isquierdo, Alves 2003:290)

Dicionário	Nomenclatura
dicionário geral ou tesouro	tenta abranger todo o léxico de uma língua
dicionário padrão	comporta em torno de 50.000 palavras-entrada
dicionário escolar	cifra aproximada de 15.000 a 30.000 vocábulos
dicionário infantil	compreende de 4.000 a 5.000 palavras

Próxima parada: a importância do dicionário como instrumento didático

Com relação à utilização do dicionário em sala de aula ver Krieger (2007: 298)³.

Desse modo, considerando-se o número de informações as quais podem ser exploradas através do dicionário, torna-se incontestável sua importância como instrumento didático – uma vez que se configura como um instrumento auxiliar para o desenvolvimento de competências elementares para todo o aprendizado.

É interessante observar o dito por Krieger (2007: 300)⁴ quanto ao tópico discutido.

3. [...] auxilia, em muito, o desenvolvimento cognitivo do aluno. Entre outros aspectos, podemos destacar sua contribuição para ampliar o conhecimento: do vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos, bem como gramaticais dos itens léxicos, de usos e variações sociolinguísticas.

4. No caso do segmento da lexicografia projetada para a escola, também denominada de lexicografia didática, predomina a concepção de que os minidicionários são obrigatoriamente escolares. No entanto, a natureza escolar desse tipo de obra costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que sua adequação ao ensino da língua.

Muitos minidicionários já tem em sua capa a observação “para uso escolar”. Observa-se que há um recorte das entradas, buscam-se definições mais pertinentes para o aluno, no entanto, mesmo com o suporte de uma equipe lexicográfica, nem sempre tal recorte ou tais definições são precisas e adequadas ao público-alvo.

Com relação ao número menor de entradas a autora (Krieger, 2007: 304)⁵ faz algumas afirmações.

Dessa forma, some-se à esta indefinição quanto ao caráter do dicionário escolar, a falta de preparo dos docentes para trabalhar com o mesmo (talvez pelo fato de em muitos cursos de licenciatura em letras não existir a disciplina de lexicografia, ou pela carga horária exaustiva, desmotivando o professor a procurar alternativas para as atividades), e a falta de critérios lexicográficos para a confecção do referido dicionário.

Assim, o que esperar de um dicionário de uso escolar?

A caracterização dos dicionários escolares em relação aos demais tipos de dicionários parece ser um ponto sobre o qual ainda não há consenso. Krieger (2008: 242) destaca a falta de tradição da “crítica lexicográfica em nosso país, bem como da carência de estudos analíticos sistemáticos sobre a produção dicionarística nacional”. [...] e o problema ainda se agrava tendo em vista a “falta de parâmetros claros para definir a qualidade de um dicionário direcionado à escola, bem como para conceituar claramente um dicionário escolar”.

Considerando seu projeto lexicográfico, ver Rangel (2006: 27)⁶

Em suma, espera-se de um dicionário de uso escolar que todo o seu conteúdo seja cuidadosamente dimensionado para abranger os dados

5. Costuma ser o parâmetro mais utilizado para determinar a feição escolar das obras, fazendo-se um contraponto à extensão da nomenclatura de um dicionário padrão. O dado numérico não é suficiente para caracterizar tipologias dicionarísticas, mas contribui para tal identificação. É ainda interessante observar que, em geral, a feição do dicionário escolar é definida mais pelo que ele não é, do que pelas suas reais características, caso típico da extensão do repertório lexical

6. pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades.

procurados pelos estudantes da faixa etária em foco, assim como a constância na apresentação das informações, pois tal fato assegurará a sua homogeneidade e facilitará a consulta do estudante.

Olhares: seleção e análise dos dicionários

Na sequência, apresentamos a análise de 04 dicionários utilizados para fins escolares. Observamos tanto a tipologia quanto a macro e a microestrutura dos mesmos. É importante salientar: dois foram adotados pelo governo do Estado do Paraná para serem utilizados em sala; o Houaiss foi adotado por uma instituição particular no município de Ponta Grossa e o da Bidermann foi escolhido por suas características lexicográficas.

Para auxiliar a análise, optamos por escolher aleatoriamente um determinado verbete, o qual será discutido e observado em cada uma das obras. No caso em tela, selecionamos o verbete “boi”.

Minidicionário da Língua Portuguesa

BUENO, Silveira. 2000. **Minidicionário da língua portuguesa**. Edição para o ensino fundamental. São Paulo: FTD.

TIPOLOGIA E MACROESTRUTURA

É considerado um dicionário geral da língua e configura-se como dicionário de uso escolar por ser adotado pelo governo federal e entregue às escolas – Programa PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

No entanto, não se aplica o critério de Biderman – número de entradas (tem mais de 30.000), o que leva a ser considerado de uso escolar apenas pela razão exposta no parágrafo anterior.

Algumas observações são extremamente pertinentes: não apresenta introdução (nem do próprio autor, nem da teoria lexicográfica, aliás, não menciona nenhuma teoria a qual subsidie seu trabalho); o arranjo das entradas utiliza critério alfabético; não há nenhuma ilustração e nem constam informações fora do verbete.

Um fato a ressaltar é o índice de abreviaturas constar no final da obra, não sendo viável, pois se o aluno não folhear o mesmo ou for orientado para ver as referidas abreviaturas, fará a leitura dos verbetes sem saber o que significam. Também não cita nenhum autor, obra ou fonte utilizada. Apresenta caráter sincrônico, portanto, sem arcaísmos.

Observemos o disposto pelo Programa Nacional de Livro Didático disponível em: <http://www.fnnde.gov.br/index.php/pnld-historico> acesso em 28/11/2009, às 17h⁷.

Também, se faz mister o posicionamento de Krieger (2008:238)⁸

MICROESTRUTURA

Para definir o verbete faz-se uso da classe gramatical + gênero (quando houver) ou no caso do verbo, a transitividade do mesmo, sem especificar se é direto, indireto, ou direto e indireto. Em alguns verbetes apresenta o plural. Há uniformidade gráfica nos verbetes, pois as entradas são maiúsculas e negritadas.

Porém, não há abonações, nem transcrição fonética ou marca de tonicidade.

Apresenta separação silábica. E quanto às marcas de uso: adota apenas o [pop.]

Em alguns verbetes, informa a área de conhecimento “mais próxima” como em – bisetor [geom.], como em Bit [termo inglês – Inform.]. A homonímia é visível no verbete ponto, mas sem ser especificada.

Não contém remissivas.

7. A partir de 2005, a sistemática de distribuição de dicionários é reformulada, de maneira a priorizar a utilização do material em sala de aula. Assim, em vez de entregar uma obra para cada aluno, o FNDE fornece acervos de dicionários a todas as escolas públicas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. As obras também passam a ser adaptadas ao nível de ensino do aluno, da seguinte forma: » Dicionários do tipo 1 - com 1 mil a 3 mil verbetes, adequados à introdução das crianças a este tipo de obra. » Dicionários do tipo 2 - com 3,5 mil a 10 mil verbetes, apropriados a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita. » Dicionários do tipo 3 - com 19 mil a 35 mil verbetes, direcionados para alunos que já começam a dominar a escrita.

8. Como se observa, a categorização proposta levou em conta o número de verbetes e a organização estrutural da obra, refletida em propostas lexicográficas diferenciadas e conformes às necessidades dos alunos. Anteriormente, no âmbito do PNLD, só havia possibilidade de inscrição de obras do tipo 3, as quais costumam corresponder aos minidicionários, compreendidos como dicionários escolares. Ao ampliar-se o quadro tipológico de obras destinadas ao uso escolar, evidencia-se que *não há uma categoria específica de dicionário escolar*, mas dicionários adequados para a escola.

Passemos a análise do verbete selecionado.

Verbetes Boi

Boi, s.m. Quadrúpede ruminante que serve para os trabalhos de carga e para alimentação; designação geral dos bovídeos. *Boi*

Quanto à classe gramatical: apresenta como substantivo masculino, mas não apresenta o feminino. Em “touro”, consta o s.f. vaca. Também consta neste verbete que após a castração é chamado de boi.

Separação silábica, sem transcrição fonética ou tonicidade;

A definição não é clara, tendo em vista o público-alvo;

1. “quadrúpede ruminante que serve para os trabalhos de carga e para a alimentação”;

2. “designação geral dos bovídeos”

Parte-se do pressuposto de que a 1ª seria a mais frequente e mais usual, no entanto, apenas o termo “ruminante” o diferenciaria de outros quadrúpedes que possuem a mesma finalidade? Quanto à 2ª, é imprecisa e vaga.

Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 2001. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.] 5 ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

TIPOLOGIA E MACROESTRUTURA

É também um dicionário geral da língua. Também configura-se como dicionário de uso escolar por ser adotado pelo governo federal e entregue às escolas – Programa PNLD.

Enquadra-se no critério de Biderman – número de entradas (tem mais de 30.000). Apresenta introdução do próprio autor e teoria lexicográfica (conta com uma equipe de lexicografia), ao contrário do anterior.

De forma geral: conta com resumo gramatical, paradigmas de conjugação, grupos indígenas no Brasil, Países, pátrios, moedas; alfabeto grego; vozes ou ruídos de animais; coletivos de seres e de objetos; elementos mórficos; minienciclopédia; formas de tratamento; numerais, símbolos, unidade de medida e tabela periódica.

Traz o “convém ler”, isto é, a introdução de Aurélio Buarque à primeira edição do Minidicionário Aurélio.

Posteriormente, apresenta “Notas à 2ª edição”, em que enaltece o valor da palavra; também o “Prefácio da 3ª edição” (apresenta a equipe responsável pelas áreas de conhecimento) 1993; no “Prefácio da 4ª edição” deixa clara a inovação do mesmo, em específico na área das ciências naturais e da tecnologia.

Acrescentou a minienciclopédia 2000; no “Prefácio da 5ª edição”, buscou-se “torná-lo mais abrangente no que respeita a aquisição de normas padrões da língua e a vocabulário constante das fontes de informação do Ensino Fundamental, nas diversas áreas do conhecimento”; observou-se os regionalismos, empréstimos, expressões idiomáticas; introduz abonações “que vão desde os clássicos dos séculos XVI a XX, como de já renomados escritores do século XXI, que circulam entre o público infanto-juvenil, e de periódicos”

A Meta do referido dicionário é “fazer chegar aos alunos brasileiros um Aurélio Século XXI que seja, realmente, escolar”. Informa ao leitor como usar o dicionário para facilitar acesso à consulta.

Arranjo das entradas: critério alfabético; antes de iniciar os verbetes, o autor apresenta como cada letra foi retratada no fenício, no grego, no etrusco, no romano, na maiúscula carolina, na maiúscula e minúscula moderna; não há nenhuma ilustração e nem informações fora do verbete; o índice de abreviaturas consta no início da obra.

Em alguns verbetes faz abonações como autor, obra ou fonte utilizada.

MICROESTRUTURA

Permanecem as remissivas, alguns termos obsoletos como cetalim (antiga medida, equivalente a 2,27 litros); Marcas de uso: bras.

Comparemos a microestrutura do verbete *boi* constante no minidicionário e no Aurélio:

Verbete *boi*

Boi. SM. Zool. Bovídeo doméstico, de chifres ocos, não ramificados.

* **Mandar amolar o boi.** *Bras. Fam.* Pedir que deixe de amolar. **Pegar o boi pelos chifres.** *Bras.* Enfrentar situação difícil com grande disposição.

Quanto à classe gramatical: apresenta como substantivo masculino, mas não apresenta o feminino. Em “touro”, consta o s.f. vaca. Também consta neste verbete que após a castração passa a ser chamado boi.

Separação silábica, sem transcrição fonética ou tonicidade;

A definição não é clara, tendo em vista o público-alvo;

1. “Zool. Bovídeo doméstico, de chifres ocos, não ramificados”; não parte da hiperonímia, pois deveria apresentar, mamífero, bovídeo, etc. Além, qual é o bovídeo doméstico, de chifres ocos, ramificados? Percebemos a utilização do critério de exclusão.

Marcas de uso a partir da fraseologia: “Amolar o boi”, Bras. Fam. “deixar de amolar”; “Pegar o boi pelo chifre”, bras.

Em relação ao Aurélio, poderia ter acrescentado a segunda parte da definição, tendo em vista o público-alvo.

Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa

HOUAISS, Antônio.; VILLAR, Mauro de Salles. 2008. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva.

TIPOLOGIA E MACROESTRUTURA

Enquadra-se no critério de Biderman – número de entradas (mais de 30.000 entradas); apresenta no sumário: equipe editorial, palavras iniciais, chave de uso, como é este dicionário, abreviações, gramática, rubricas e sinais, conjugação dos verbos, início do dicionário, adendos, enciclopédia, adendos.

Nas palavras iniciais, informa que o dicionário segue o Acordo Ortográfico de 1990 (8 países/4 continentes) – supressão do trema, acentuação em palavras como ideia e heroico, emprego do hífen –, e que é destinado aos alunos de ensino fundamental.

O arranjo das entradas segue o critério alfabético; não há nenhuma ilustração e nem informações fora do verbete; o índice de abreviaturas consta no início da obra; não cita nenhum autor, obra ou fonte utilizada; na contracapa informa ser recomendado para uso escolar.

MICROESTRUTURA

A definição do verbete segue classe gramatical + gênero (quando houver). No caso do verbo apresenta o paradigma de conjugação, a transitividade, preposição requerida para regência.

Apresenta o plural; não há abonações; há transcrição fonética; marca de tonicidade; separação silábica; quanto às marcas de uso: adota o [pop.]; homonímia: visível no verbete ponto; não contém remissivas; quando se trata de animais apresenta a voz correspondente.

Em relação ao **verboete boi**:

Verboete boi

Boi [fem.: *vaca*] *s.m.* **1.** Mamífero ruminante, ger. Domesticado, *us.* Para tração e extração de carne, couro, etc. **2.** Touro adulto castrado. @ COL. Boiada, rebanho. @ VOZ V. mugir, urrar; subs. Mugido, urro.

Quanto à classe gramatical: apresenta como substantivo masculino, e apresenta o feminino. Também consta neste verbete o fato de após a castração boi passar a ser chamado “touro”. A definição não é clara, tendo em vista o público-alvo:

1. “*us.* Para tração e extração de carne: informação confusa.

Dicionário Contemporâneo de Português

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 1992. **Dicionário Contemporâneo de Português**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, Ltda.

TIPOLOGIA E MACROESTRUTURA

]Essa obra apresenta no prefácio (p.5 – 12;17) as informações sobre a seleção vocabular: a nomenclatura, exemplos e contexto, as informações existentes no dicionário (fonética, fonologia, ortografia, gramática (forma e função das palavras), significação, níveis de linguagem, origem das palavras) e abreviações. A autora apresenta ainda (p. 12 – 17) a “História da Língua Portuguesa” e os gentílicos .

Segundo a autora, constam do dicionário palavras técnicas e científicas banalizadas na língua geral, por ser destinado a estudantes de nível médio (I e II graus) não precisa incluir tecnicismos e cientificismos. Informa não terem sido incluídos regionalismos restritos a certas áreas do Brasil e/ ou de Portugal.

Quanto aos **arcaísmos**, só foram incluídos aqueles que podem ocorrer em leituras prováveis desse público. A autora considera esta obra como um dicionário contextual da língua portuguesa (não existe nenhuma entrada, ou aceção, a qual não esteja explicitada por um contexto).

Antes de iniciar os verbetes, a autora apresenta como cada letra foi retratada no grego antigo, no dialeto latino do Lácio, no latim e no português contemporâneo.

Quando há mais de uma entrada, o verbete é marcado com número sobrescrito. O dicionário apresenta as palavras-guia no início de cada coluna. Não há ilustrações.

MICROESTRUTURA

Os verbetes são grafados em negrito e individualizados; contemplam diferentes classes gramaticais; são apresentados divididos em sílabas, separados por hífen; indicação da sílaba tônica. Não indica o fechamento das vogais.

A classificação dos verbos se deu de acordo com a NGB. Mesmo que de forma reduzida, a autora retrata alguns advérbios de modo (em – mente), locuções adverbiais, pronominais, lexias complexas.

As expressões idiomáticas formadas a partir da palavra em epígrafe foram incluídas no final do verbete. São explicitados os tratamentos dados aos homônimos, ou seja, diferentes entradas numeradas seguindo critérios de diversidade semântica e a léxico-gramatical.

Quanto ao

Verbetes boi

Boi. S.m. *boi* [ô]. Animal quadrúpede e ruminante, que os homens costumam criar para comer sua carne. Animal adulto, macho e castrado. *Distingue-se o boi do touro* (v.essa-), porque é o animal que não é capaz de reprodução por ter sido castrado (v. essa-). *O boi pastava tranquilamente nos campos da fazenda.* // PL.: bois/ cf:boiada. >> *boi-bumbá*: bailado popular também conhecido como bumba-meu-boi> *pé-de-boi*: pessoa que trabalha bastante> *carro-de-boi*: carro rústico de madeira puxado por bois.

Quanto à classe gramatical: apresenta como substantivo masculino. Marca-se após a castração boi ser chamado touro; Apresenta separação silábica, com marcação de tonicidade; A definição é clara, tendo em vista o público-alvo; Exemplificação – fraseologia; Apresenta o plural.

Considerações finais

*“Uma verdadeira viagem de descoberta
não é a de pesquisar novas terras,
mas de ter um novo olhar”*

Marcel Proust

Retomemos a afirmação de Welker (2004:80) de que os textos os quais compõem a macroestrutura dos dicionários “não têm posição fixa, a não ser o prefácio e a introdução, que devem preceder a nomenclatura”. Concordamos com essa afirmação, porém consideramos ser necessário levar em conta aspectos como a adequação da proposta do dicionário às necessidades do usuário, a linguagem utilizada, a presença ou não de exemplos e ilustrações, seu tamanho, a idade dos usuários, dentre outros. Alguns dicionários são simplesmente um recorte de dicionários maiores, sem a preocupação com um tratamento específico da linguagem de acordo com o público a que se destina.

Partindo da premissa de que o conhecimento não é um produto acabado, há muito a ser trilhado no tocante ao uso do dicionário no âmbito escolar. Os caminhos perpassam a escrita da obra, a preocupação com o público-alvo, o respaldo de uma teoria e, por conseguinte, de uma equipe lexicográfica; a formação dos professores e suas condições de trabalho; a orientação pedagógica da instituição; a escolha dos dicionários pelos governos, pelas escolas. Enfim, perpassa a conscientização da importância da linguagem na constituição do sujeito.

Crescemos.

E, para não concluir o inacabado, apenas interrompemos a escrita...

Referências bibliográficas

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 2001. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 131-144.

_____. 2004. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: Maria da Graça Krieger; Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 185-200.

_____. 1995. O dicionário como norma na sociedade. In: *Lexicologia, Lexicografia e terminologia: questões conexas: Anais do 1 Encontro Nacional do GT de Lexicologia e Terminologia da ANPOLL*.

_____. 1992. *Dicionário Contemporâneo de Português*. Petrópolis: Vozes.

BUENO, Silveira. 2000. *Minidicionário da língua portuguesa*. Edição para o ensino fundamental. São Paulo: FTD.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 2001. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

KRIEGER, Maria da Graça. 2007. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: Ieda Maria Alves; Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS. pp. 295-309.

_____. 2008. Políticas Públicas e Dicionários para a Escola: O Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução* 18: 235-252.

GUERRA, Antonia M. 2003. *Lexicografía española*. Madrid: Ariel Linguística.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. 2008. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva.

LARA, Luis Fernando. 2004. O dicionário e suas disciplinas. In: Maria da Graça Krieger; Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 133-152.

MIRANDA, Félix Burgueño. 2007. O que é macroestrutura no dicionário de língua. In: Ieda Maria Alves; Aparecida Negri Isquendo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 261-272.

RANGEL, Egon de Oliveira. 2006. Dicionários em sala de aula. Brasília: *Ministério da Educação*, Secretaria de Educação Básica.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. 2007. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: Ieda Maria Alves; Aparecida Negri Isquendo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 283-294.

STREHLER, René G. 2001. Marcas de uso nos dicionários. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri Isquendo (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 171-180.

WELKER, Herbert Andreas. 2004. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus.